

APRESENTAÇÃO

(in Marx, Mészáros e o Estado. São Paulo: Instituto Lukács, 2012)

Os artigos que compõem esta coletânea têm o propósito de contribuir para a compreensão da função do Estado no capitalismo, particularmente, em seu estágio de crise estrutural. É sob a ação legal e repressiva do Estado que a generalização e o fortalecimento das lutas dos trabalhadores encontra maior resistência.

O Estado tem sido conceituado das formas mais variadas. Não há um consenso sobre seu papel entre os liberais. Na tradição marxista, está em causa se a função social do Estado analisada por Marx se manteria no capitalismo contemporâneo. Muitos consideram ultrapassada a clássica afirmação de Engels, em *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de que, com as revoluções burguesas, a classe então economicamente dominante se tornou politicamente dominante ao tomar posse do Estado. Outros ainda postulam que o Estado teria mudado sua natureza e estaria aberto à participação democrática de todas as classes, podendo, portanto, atender suas reivindicações vitais a depender da força acumulada por cada classe na disputa com as outras. Tais abordagens têm contribuído para confinar os embates dos trabalhadores nos limites da legalidade e da pseudoparticipação democrática, esgotando as energias combativas dos trabalhadores.

Os desafios postos pelo capitalismo em crise aos que lutam contra a exploração do trabalho exigem um exame crítico apurado da trajetória da relação entre o Estado e a luta emancipatória dos trabalhadores. Requerem o exame dos limites do Estado, das mistificações teóricas liberais como, também, marxistas vulgares. Para isso nada mais urgente que resgatar a crítica ontológica do Estado e do capital de Marx e Mészáros, com a contribuição de Engels, Lenin, Lukács e Rosa Luxemburgo. É este o conteúdo que articula os textos desta coletânea.

O primeiro texto, “*De Marx a Mészáros: a inseparável relação entre o Estado e a reprodução do capital*”, destaca a linha de continuidade entre as elaborações de Marx e de Mészáros sobre o caráter de classe do Estado e a ineliminável relação entre a esfera da produção material da existência social e o ordenamento político posto pelo Estado. O segundo texto, “*Os limites objetivos da política parlamentar no sistema do capital*”, recupera a crítica à concepção reformista em Marx, Mészáros e Rosa Luxemburgo, com foco dado ao Parlamento como arena privilegiada dos conflitos de classes. O terceiro texto, “*Keynesianismo, Neoliberalismo e os antecedentes da ‘crise’ do Estado*” traz a crítica a uma variação contemporânea do reformismo; aquela que defende que a luta estratégica contra o Neoliberalismo teria como principal móvel a defesa da retomada do Estado pelas políticas distributivistas de tipo keynesiana. Em outras palavras, que se poderia emancipar os trabalhadores do capital, passando-se de uma forma de Estado menos vantajosa para outra mais favorável aos trabalhadores.

O Estado, assim, se transforma na mediação para o atendimento das necessidades vitais e o catalizador das soluções para os problemas sociais. Inverte-se a relação analisada por Marx. Encontra-se no Estado a força política e a solução necessária às alienações típicas do capital. A luta global contra o capital é substituída pela luta por objetivos parciais restritos à esfera da política, do Estado.

A necessidade de combater tal concepção imediatista dos desafios emancipatórios da classe trabalhadora levou Engels a proferir com extrema dureza sua crítica ao Programa de Erfurt (projeto de Programa do Partido Socialdemocrata Alemão, em 1891), alertando para o oportunismo que imperava nas fileiras do partido alemão. Para ele, o

esquecimento das grandes considerações essenciais perante os interesses passageiros do dia, esta corrida aos sucessos efêmeros e à luta que se trava em torno deles sem ter em atenção as consequências ulteriores, este abandono do futuro do movimento que se sacrifica ao presente, tudo isto tem talvez móveis honestos. Mas isto é e continuará a ser oportunismo. Ora, o oportunismo “honesto” é talvez o mais

perigoso de todos. (ENGELS, 1971, p. 48)¹

Tal como no passado, hoje também é preciso enfrentar este “oportunismo honesto”. Soluções conjunturais sem se enfrentar os problemas estruturais do sistema do capital só conduzem à abdicação das bandeiras emancipatórias em troca da participação no jogo político burguês.

Contribuir teoricamente para a reorientação da luta da classe trabalhadora, tornando-a capaz de uma posição ofensiva contra o capital, distanciando-se da sedução do imediatismo e do possibilismo inconsequentes, é o objetivo comum dos textos desta coletânea. Contribuir para a retomada da ofensiva socialista proposta por Mészáros, trazendo ao debate ideias tão atuais quanto aquelas discutidas por Marx e Engels no final do século XIX, é o que os autores se propõem.

Convidamos o leitor a conferir.

¹ MARX, K; ENGELS, F; LENIN, V. I. Crítica do Programa de Gotha, Crítica do Programa de Erfurt e Marxismo e Revisionismo. Porto: Portucalense, 1971.